



ISSN 1981 - 3031

A IMPOSSIBILIDADE DE SER JOVEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O OLHAR DO LIVRO DIDÁTICO (LD) DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Divanir Maria de Lima (UNEAL-UFAL)
divanirlima@yahoo.com.br

Marinaide Lima de Queiroz Freitas (UFAL)
naide12@hotmail.com

RESUMO

O texto enfoca a construção das juventudes buscando as representações do ser jovem nos diversos momentos históricos e analisa a representação dessas juventudes a partir do olhar do LD da EJA. Constitui-se um recorte da pesquisa de Mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas. O processo metodológico é de natureza qualitativa e utiliza a Análise de Conteúdo de uma das unidades do LD de Ciências Sociais buscando perceber qual o tratamento dado as juventudes na EJA. Aporta-se nos estudos de Spósito (1992, 2003), Carrano(2003),Dayrell(2007),Bardin(2009),entre outros. As evidências iniciais demonstram que o LD, tratando das juventudes, as concebe etariamente, aportando-se no paradigma da cronologização das idades. Considera os jovens como sujeitos que vivem um processo de transição entre o mundo da infância e o mundo adulto, o que impossibilita a existência das juventudes reais na EJA, validando que, na escola, o jovem é tão somente aluno/estudante, negando sua condição de jovem, sua identidade juvenil, suas formas de se constituir jovem na Educação de Jovens e Adultos.

Palavras-Chave: Juventudes - Educação de Jovens e Adultos - Livro Didático

Primeiras palavras...

Na sociedade brasileira, as discussões acerca das juventudes vêm ganhando espaço nos últimos anos do século XX e início do século XXI, constituindo-se em pesquisas que buscam compreender quais as raízes que alicerçam as imagens das

juventudes na contemporaneidade e que, conseqüentemente são basilares das políticas públicas para este segmento.

No que diz respeito aos dados que, quantitativamente tratam da população brasileira, Aquino (2009), a partir dos dados do IBGE na revisão de 2008, assinala que, no ano de 2007, os jovens com idade entre 15 e 29 anos somavam 50,2 milhões de pessoas, correspondendo a 26,4% da população total. A autora alerta para “o peso numérico” desses sujeitos na população brasileira, os quais carecem com a máxima urgência, serem alcançados pelas políticas públicas que devem levar em consideração as condições de cada recorte etário considerado para a juventude em nossa sociedade, o que justifica o olhar especial sobre as questões que afetam e mobilizam os jovens brasileiros.

Dados do IBGE/PNAD (2007-2008) demonstram que, numa população de quase cinco milhões de pessoas (4.902.374), matriculadas na EJA em todas as suas modalidades, quase três milhões (2.850.670) pertencem a categoria das juventudes, o que corresponde a 63% do total de alunos matriculados.

Nestes escritos, discutimos a constituição histórica das juventudes da antiguidade a contemporaneidade e, para além desse viés explicativo, buscamos percebê-las a partir das falas do LD da EJA. Para isto, tentamos observar como se construíram os arquétipos dos jovens nas várias sociedades e, nesse movimento de compreensão da construção dos modelos de juventude, lançamos um olhar sobre o LD observando qual o tratamento dado às juventudes que freqüentam as salas de aula da EJA tentando perceber que modelos de juventudes são referendados pelo livro e se esses possibilitam a existência das juventudes reais.

Com base em autores como Bittencourt (2010) e Davies (2010), compreendemos o LD como “objeto de ‘múltiplas faces’[...], produto cultural, [...] veículo de valores ideológicos e culturais”, logo parafraseando Silva (2007), diríamos que, o LD é um “artefato sócio-histórico”, um “produto social,” construído a partir das relações de poder que se estabelecessem na sociedade. Nesse sentido, o LD da EJA está todo o tempo “dizendo algo,” seja já de forma explícita ou implícita.

A pesquisa da qual este trabalho é um recorte, aporta-se nos pressupostos da abordagem de pesquisa qualitativa (CRESWELL, 2007) constituindo-se num estudo de caso do tipo etnográfico (CHIZOTTI, 2006), e tendo como técnica de análise dos dados, a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009), utilizando como instrumentos de coleta de

dados: a análise documental, as observações em sala de aula, o diário de campo, as entrevistas semi-estruturadas e grupos focais. Sendo que, neste recorte, apresentamos os resultados da análise do fragmento¹ do LD como documento técnico, de caráter instrucional e público.

1. Juventude: categoria histórica e socialmente produzida

A juventude é uma idéia que contempla multiplicidades, não correspondendo a uma condição ‘natural’ do ser humano. Embora sua face possa facilmente remeter, em um primeiro olhar, aos aspectos do desenvolvimento biopsicológico dos indivíduos, fundamenta-se em uma construção que varia conforme a época e as condições sociais, políticas e culturais existentes. (CATANI; GILIOLI, 2008)

A compreensão de como se construiu a juventude, nos conduz a necessidade de uma incursão na história das diversas civilizações, mas tendo o cuidado de não caricaturizar a juventude contemporânea, restringindo essa construção a um ou outro fator seja biológico, histórico ou mesmo psicológico, pois estaríamos incorrendo num erro de redução das juventudes a uma dada condição. Pelo contrário, concebemo-nas como multiplicidades e não como algo ‘natural’ (CATANI;GILIOLI 2008).

É não intencionando o enquadre das juventudes nesse ou naquele modelo, mas como “uma complexidade variável” (CARRANO,2003), que se redefine cotidianamente e projeta suas formas de ser jovem e de estar no mundo, que nos posicionamos nesse texto.

1.1 A constituição das juventudes: da antiguidade ao período medieval

A compreensão da gênese das juventudes² na antiguidade nos reporta a Grécia, onde se fez presente uma educação para a adaptação dos sujeitos à cidade, logo as juventudes eram encaradas como sujeitos virtuais e futuros cidadãos que precisavam de uma educação para a manutenção da relação harmônica existente na polis grega.

Ser jovem nessa época significava pertencer a um grupo singularizado e portador de particularidades comportamentais identificáveis, surgindo a necessidade de ‘cuidados’ com o corpo juvenil desde a alimentação, passando exercícios corporais,

¹ Chamamos aqui fragmento a unidade analisada, visto que, ao todo foram analisadas três unidades do LD de Ciências Sociais da EJA, mas para este recorte utilizamos apenas uma dessas unidades, a que apresenta uma tênue discussão sobre a juventude, no LD colocada com o termo adolescência.

² A partir das idéias de Levi e Schmitt (1996) é possível afirmar que não se pode falar de *uma* história da juventude, mas *histórias* que concernem a *juventudes* e sobre jovens, seres plurais. (Itálico do original).

caça e chegando gradativamente aos treinamentos militares que demarcaram a entrada na vida adulta.

As imagens que representam as juventudes da época retratam o arquétipo do sujeito em “estado de graça e valorizam o momento particular da vida do cidadão” (SCHNAPP, 1996, p.35), moldado a luz dos costumes da época e com base nos valores de uma sociedade.

Já na Roma Antiga, dado o poder justificado pela instituição do pátrio poder³, o critério da etarização estava presente na classificação dos grupos. No entanto, esse critério sofria discrepâncias profundas na definição demográfica dos grupos adolescentes e jovens.

Ser jovem nesse momento implicava viver sob forte presença da imagem masculina marcante na sociedade romana, definidora dos critérios para cada gênero: homem - mulher, possuindo nessa classificação a demarcação clara dos territórios para eles - jovens - e para elas – simplesmente, mulheres – as quais da Grécia arcaica a Idade Média tiveram suas identidades femininas subjugadas a definições marcadamente ideológicas, masculinizadas e deveras preconceituosas:

As mulheres romanas não eram classificadas a partir de critérios etários, mas pelos papéis sociais (virgem, mãe ou esposa) desempenhados. [...] Para os homens, o abandono da juventude e a entrada na vida adulta eram marcados pela inserção na vida pública romana, através dos ritos de passagem. (CORTI, 2004, p.15)

As representações da juventude validavam a imagem masculina e quando aparece a figura da mulher, ela não se integra a categoria das juventudes, é uma figura tão somente associada aos jovens num movimento de medo e fragilidade. Nesse sentido, Crouzet-Pavan (1999,p.202), denuncia que, “mulheres e jovens, de maneira equivalente, parecem representar duas ameaças, duas fragilidades capazes de arruinar a ordem temporal e o tecido social”. A imagem feminina era associada ao desvio, a transgressão.

Na sociedade medieval, fortemente determinada pelo castigo e pelo medo do inferno, pregado pela doutrina da igreja, construiu-se sob os alicerces de uma estrutura social arcaica, “um modelo de conduta em que a idéia do mal e do pecado estava

³ Segundo Levi & Schmitt (1996), o pátrio poder consistia em uma instituição tipicamente romana, de validação suprema do poder dos pais sobre os filhos, tendo sobre estes direito de vida e morte, podendo decidir sobre o alargamento de suas idades, exercendo mecanismos de poder e relações de autoritarismo sobre aqueles que estão sob sua responsabilidade, daí a justificativa do excessivo prolongamento das idades na sociedade romana. Enquanto os filhos estivessem sob seu julgo, os pais teriam plenos poderes sobre os mesmos.

presente em todos os comportamentos ou atitudes [...] que fugisse ao controle da igreja ou evidenciassem a possibilidade de transgressão do código moral vigente” (BOSCHILIA, 2010, p.89). Notadamente, a juventude não se adequando a esse enquadre, era vista como nociva e, deveria “ser naturalmente regulada, [...] por falta de freio e governo, entrega-se ao mal” (CROUZET-PAVAN,1999, p.191).

A imagem sombria dos jovens alia-se a visão de que a juventude é o tempo dos apetites e de seus excessos, caracterizada ainda, como: “continuação direta da infância, a idade da fragilidade do corpo e das primeiras aprendizagens, momento de fragilidade da alma e da razão, logo precisa ser orientado” (CROUZET-PAVAN 2009,p.191).

Assim como desde a Grécia antiga, ser jovem no período medieval significava ser emoldurado numa categoria etária, onde a cronologização das fases da vida se dava de forma pouco rígida e sem nenhum aparato científico, implicando estar sob a tutela do adulto, vivendo uma passagem ritualizada que se estendia pelos anos intermediários entre a idade da infância e a do adulto, mantendo-se a centralidade do pátrio poder instituído desde a Roma Antiga, principalmente para aqueles que não atingiram a independência financeira, uma das fronteiras de acesso ao mundo dos adultos.

Até os fins da Idade Média, as estruturas sociais altamente repressivas ainda procuravam deter tanto pela via dos discursos inflamados da igreja, quanto pela repressão policial, todos aqueles que se contrapunham a ordem, que conseqüentemente perpassa pela imposição de uma ‘falsa moral’ o que manteria a sociedade “pura”. As práticas juvenis eram consideradas desviantes e criminosas:

A juventude é mostrada como turbulenta, ruidosa, perigosa. Faz desordens, não respeita nada, transgride a ordem social e a ordem moral. [...] desprezam os valores estabelecidos e as pessoas idosas, [...] São insolentes e briguentos, crêem em tudo, entregam-se as loucuras de todo tipo, gastam irrefletidamente, vivem na luxúria e no pecado. É preciso dar-lhes lições, cortar seu orgulho, orientar seus corpos para exercícios úteis, ensinar-lhes a desprezar a vida e, sobretudo, casá-los jovens para evitar a fornicação e o adultério. (PASTOREAU 1996, p.259).

É com a imagem de uma juventude transviada, pecadora e sem limites inclusive religiosos, que se chega ao fim da Idade Média. Fato que, por si só, justificava o prolongamento das idades para então, sob o olhar do adulto, moderar suas ambições e impulsos, por meio do controle sobre seus corpos e desejos.

1.2 Modernidade e contemporaneidade das juventudes

O paradigma da criação das juventudes na modernidade sustenta-se a partir da criação das instituições modernas dos séculos XIX e XX- como a escola, o Estado, o direito, o mundo do trabalho industrial entre outros. Instituições que tomam espaço e redefinem a partir de suas bases ideológicas o comportamento dos jovens influenciando diretamente sobre o ‘fabrico’ de suas identidades.

O período áureo da experiência moderna é sem dúvida o período industrial que traz consigo a modernização do Estado que, com a institucionalização toma para si ações como proteger os indivíduos e um dos mecanismos usados nessa ‘proteção’ é justamente a escola, como instituição própria da modernidade e criada numa perspectiva essencialmente capitalista.

Outra marca da juventude moderna é o paradoxo entre a cristalização do conceito de jovem como sujeito etário, mas também social e cultural, ou seja, ao tempo em que reconhece as faixas etárias e a institucionalização do curso da vida como formas de explicar períodos como: infância, adolescência, juventude, velhice, se valida também a noção de juventude dinâmica e mutante conforme afirma Corti (2004), dada a visão de que as sociedades modernas estão em constante transformação.

A reboque desse paradoxo, perdem fôlego e vão sendo superadas as categorizações próprias do modelo de etarização do curso da vida, que negam a condição histórica dos sujeitos bem como suas singularidades e subjetividades, silenciando quanto as juventudes em sua perspectiva plural, deixando de atentar para a multiplicidade de experiências que o próprio termo congrega. Começam a ruir os pilares que secularmente foram basilares da explicação do que seria a juventude e o jovem nos fins da modernidade e início da contemporaneidade.

A explicação das juventudes na era moderna apresenta poucas preocupações com outros critérios além do moral para explicar e compreender a juventude no século XV. Prevaecem os olhares arcaicos da sociedade medieval e por que não dizer, da sociedade greco-romana que visualiza a juventude como problema, e seu tempo como turbulento e violento, sempre encarados como os que infringem as leis cristãs, sociais e morais, os quais movidos pela intolerância ao outro, tornam-se eternos sujeitos em suspeição.

É na modernidade que se afirma a idéia contemporânea de juventude como categoria “manipulada e manipulável”, (PAIS, 2009, p.1). Pois não se constrói a partir

de um único molde. Não há uma forma que produza as juventudes. Assim, não são fixadas de forma genérica, brotam em função das condições próprias de cada sociedade.

A partir de Corti (2004), é possível inferir que começa a ser questionado o paradigma moderno que até então restringira o sentimento de pertença da juventude aos sujeitos das classes abastadas, silenciando quanto a existência de outras juventudes como: as camponesas, as urbanas- periféricas, da oficina, do chão da fábrica, da rua, as negras, e tantas outras, com suas histórias repletas das marcas que as construiu a partir de seus contextos, crenças, valores, culturas até então negligenciadas.

É então com base na análise de um conceito engendrado à luz das relações de poder latentes ou patentes, de subserviência e afirmação de uns grupos sobre outros e, tentando minimizar os danos causados pelas “verdades” desse modelo que, na contemporaneidade se denuncia a fragilidade do paradigma das idades. Os teóricos das juventudes são incisivos na denúncia de que não existe uma juventude, como se queria ou mesmo pretendia a modernidade, mas sim juventudes, seres construídos social, histórica, relacional e culturalmente.

O que se viu do século XIX ao século XX, foi a noção de juventude gerada pelas práticas sociais oficiais, estatais, liberais, burguesas e capitalistas. Pode-se acompanhar a ascensão de uma juventude masculinizada, marcada por fortes traços eurocêntricos, evidenciada a partir das classes burguesas, negando a existência das demais juventudes.

A contemporaneidade traz consigo uma releitura do processo de caricaturização ao qual foi submetida a juventude clássica, à moda da sociedade adulta. As discussões ressurgem esfacelando o modelo arquitetado a priori e percebendo os sujeitos jovens de um lado como homogêneos, na perspectiva das fases da vida - o veio etário - possuidores de características pertencentes a uma dada geração, mas, continuamente flutuantes, identidades cambiantes, móveis, não pré-fixadas, em processo contínuo e inconcluso (HALL, 2006).

O esfacelamento do arquétipo do sujeito pré-determinado a partir das idéias do adulto começa a ruir, deixando ver os jovens heterogêneos, detentores de determinadas características sim, por pertencer a um agrupamento social, mas capazes de exercer papéis sociais para além daqueles dados pela história, como por exemplo, o de esposa e mãe, para elas e, o de provedor e militar, para eles.

É com base na compreensão da juventude em sua dimensão diversa, heterogênea e plural que reside às discussões da sociologia das juventudes, a qual objetiva a

superação do viés etário, cristalizado como a definição mais evidente da juventude, propondo desmistificar esse conceito e denunciando as possíveis implicações dessa categorização conceitual sobre as vidas dos sujeitos.

Segundo Corti (2004), o traço característico da nova concepção de juventude nas últimas décadas do século XX, seria exatamente a descronologização⁴ das idades, ou das fases da vida, ou seja, a dissolução da definição cronológica para uma nova definição desse ciclo da vida, já que a explicação pela via etária é, segundo a autora, excessivamente aleatória.

A definição demográfica ou etária além de frágil e com pouca sustentação, serve tão somente à fundamentação de pesquisas, tomada de decisões no âmbito de políticas públicas, pois tais critérios são próprios “da realização de dados estatísticos” (CARRANO, 2003, p.110), os quais em nada dizem quem são, de fato, os sujeitos que constituem as juventudes.

Apesar da busca de um novo arquétipo de juventude, persiste ainda uma dificuldade em definir o que na contemporaneidade é ser jovem. A descaricaturização do jovem vem junto com a insegurança acerca de que tratamento deve ser dado a esse jovem. Assim, buscam-se novas formas de perceber as juventudes, novos redesenhos, novas imagens.

Já não se pode formular um conceito universal e homogêneo, pois características como: a inserção no mundo do trabalho, o casamento e a constituição de um novo núcleo familiar, bem como a procriação, tidas até então como demarcadoras do fim da juventude e entrada na vida adulta, já não mais podem ser validadas como norte de observação da categoria em questão. O período em transição agora perpassa pela flexibilização dos territórios balizados entre as idades.

A juventude é uma construção social, logo variável, deixando de ser encarada simplesmente como um processo natural, um ciclo biológico, idades e estados fisiológicos como se pensava outrora.

Juventude na contemporaneidade é sinônimo de valorização de sujeitos concretos, de culturas, de modos de ser jovem, de leituras sobre multiplicidades, seres em

⁴ Corti (2004) traz a terminologia descronologização não para negar a construção histórica do conceito de juventudes a partir do paradigma das idades, mas para contestá-lo, visto que na pós-modernidade, ou mundo contemporâneo como queria tomar, tal categorização já não se sustenta, por sua fragilidade, relativização e também pelos tantos transtornos que têm causado as idéias de juventude como moratória, transitoriedade e, tantas outras.

desenvolvimento sim, mas pelo simples fato de existirem, estarem vivos. Ser jovem já não se pode explicar apenas pela via etária ou biológica, ou sociológica, ou mesmo histórica, é mais que isso.

A concepção de juventude no século XXI, é algo que se constrói tentando perceber os contributos oriundos das várias possibilidades. Não contrapondo de forma antagônica os fatos, mas buscando o ponto de entrecruzamento entre as tantas formas de ver os jovens, perpassando pela quebra das pontes, pela superação da cronologização das idades, pela passagem da fase transitória e anômala, para a visão de que a juventude é uma parte da vida dos sujeitos e que todos os seres humanos estão propícios as intempéries da vida, as instabilidades e que devem ser vistos como pessoas e não como partes disso.

A contemporaneidade se constitui o tempo da reconfiguração da tematização acerca do que é/são a(s) juventude(s), ultrapassando as conceituações históricas e os enquadres emoldurados da juventude-problema, de uma vida sem maior sentido por ser passageira e de um momento que carece de vigilância constante dada a condição juvenil como transgressora.

É tendo consciência da complexidade da definição de juventude na contemporaneidade que trataremos a seguir da concepção de juventude a partir do olhar do Livro Didático utilizado nas salas de Educação de Jovens e Adultos.

2. O olhar do LD de Ciências Sociais e o tratamento dado às juventudes

Dada a limitação própria do formato deste escrito, enfocamos alguns achados da pesquisa em andamento, procurando observar nas falas do LD como as juventudes são tratadas nesse artefato, como são representadas, se numa perspectiva de etarização ou se para além dessa explicação.

Na análise realizada no LD, objeto de nossa investigação, foram observadas três unidades com conteúdos da área de Ciências Sociais⁵, mas apenas uma delas sinalizava para algumas questões relativas as juventudes. Tal discussão inseria-se, de forma sutil, numa discussão intitulada “Saúde e desenvolvimento⁶”.

⁵ A escolha pela área de Ciências Sociais se dá por perceber a pouca produção nessa área de conhecimento, visto que, o maior contingente de análises se faz nas áreas de Língua Portuguesa e Matemática.

⁶ A unidade escolhida para este recorte traz como temática geral “Cidadania e qualidade de vida”, já as demais unidades tratam sobre: Unidade 1: “Brasil- nossa terra, nossa gente”, a qual discute a constituição

Para a análise dos dados coletados nos apoiamos na técnica da Análise de Conteúdo (AC) das mensagens do LD. A AC constitui-se uma técnica de análise que se aporta na observação das mensagens postas nos textos. Segundo Bardin (2009), “a Análise de Conteúdo é um conjunto de técnicas de análises das comunicações”, objetivando perceber o conteúdo e proceder a inferências sobre: i) as características do texto; ii) as causas e/ou antecedentes das mensagens; iii) os efeitos da comunicação.

Assim, com base na AC das mensagens do LD, na unidade selecionada para este recorte, elegemos as Categorias-CT, representada(s) nesta análise em letras maiúsculas, as Unidades de Contexto-UC, identificadas em algarismo romano e sublinhadas e, as Unidades de Registro-UR, identificadas pelas letras do alfabeto minúsculo, conforme mostram os recortes das mensagens do LD. Para melhor compreensão da análise, usaremos as abreviaturas: CT, UC e UR ao lado de cada registro.

Juventude (CT)

I. Jovem etarizado (UC1)

a) ciclo natural, fase da vida, desenvolvimento, características de cada fase.(UR)

“Os seres vivos **nascem, crescem, amadurecem, reproduzem-se, envelhecem e morrem**. Este é o **ciclo natural** de todos os seres vivos, que **varia em duração de acordo com cada espécie**. Na espécie humana, da infância à fase adulta, observam-se **características próprias de cada fase**. Este **desenvolvimento** é regulado pela ação de hormônios produzidos por várias glândulas existentes no corpo. As **necessidades físicas** variam conforme a fase em que vivemos... uma vez que cada um de nós possui **características individuais**. Em todos os **períodos da vida**. A prática de atividades físicas é importante em **todas as idades**” (p. 84).

b) puberdade, adolescência, etapas, ciclo de transformação. (UR)

“É preciso **acompanhar as transformações** que ocorrem no organismo e compreendê-las. Na **adolescência**, estabelece-se a **busca de valores, do grupo, da descoberta de mudanças, da escolha da profissão, das realizações, dos desafios a serem enfrentados**” (p. 84).

II. Marcas na entrada no mundo adulto: fronteiras entre o mundo do jovem e do adulto(UC2)

a) entrada no mundo do trabalho, casamento, procriar, reproduzir. (UR)

“Ao **fim destas etapas o indivíduo torna-se adulto**, sendo suas principais características biológicas a **estabilidade** (falando da entrada no mundo do trabalho - se auto-sustentar) e a **reprodução** (ter filhos = casar). Nesta **fase**, o indivíduo encontra-se **apto** a física, mental e socialmente para **assumir responsabilidades e constituir família**” (p. 84). “Na **puberdade ou adolescência** o organismo **inicia o ciclo de transformações que sinalizam o fim da infância e o início da fase adulta**. Mudanças não apenas **fisicamente**, mas também **mentalmente**” (p. 84).

Procedendo a AC, é possível perceber que na **UC I**, jovem etarizado e suas respectivas UR “ciclo natural, fase da vida, desenvolvimento, características de cada fase, puberdade, adolescência, etapas, ciclo de transformação e, as UR da **UC II**, as marcas na entrada do mundo adulto: fronteiras entre o mundo do jovem e do adulto” as UR foram: entrada no mundo adulto, casamento, procriar, reproduzir.

Na UC I, UR a – a concepção clássica de juventude atrelada à transitoriedade está patente no LD em falas como:

Os seres vivos **nascem, crescem, amadurecem, reproduzem-se, envelhecem e morrem**. Este é o **ciclo natural** de todos os seres vivos [...]. Na espécie humana, da infância à fase adulta, observam-se **características própria de cada fase**. Este **desenvolvimento** é regulado pela ação de hormônios produzidos por várias glândulas existentes no corpo.

A AC das falas no LD traz à contemporaneidade a compreensão das juventudes como condição biológica, atrelada a fatores biopsíquicos (MELUCCI, 2007), concepção esta que contempla em seu bojo a negação dos fatores sociais na constituição dessas juventudes. Catani e Gilioli (2008) apresentam as características de: faixa etária, determinação maturidade/imaturidade como próprios dessa definição.

Ver as juventudes pela ótica psicológica e biológica nos remete aos pressupostos da sociologia funcionalista, que é a mais longa tradição sociológica da juventude. Segundo a qual “a juventude é mera fase de transição para a condição adulta [...] se essa fase de ‘treino’ para a vida adulta é ‘inadequada’, pode causar comportamentos ‘desviantes’”, entre eles a delinquência, o desequilíbrio e a rebeldia, próprio desses sujeitos em transição, vivendo no terreno da anomia (CATANI; GILIOLI, op. cit., p. 101).

Para a sociologia funcional a juventude tem caráter essencialmente e potencialmente problemático. Perceber as juventudes modernas por esse prisma pode trazer sérias implicações sobre as decisões que se toma junto a esse público ‘potencialmente aterrorizador’.

O LD comunga de uma ideia, que há muito já não dá conta de contemplar as juventudes. Não se pode negar a cristalização do viés da cronologização das idades, mas apenas esse viés já não deveria tomar a primazia, quando se trata de um recurso metodológico como o livro, que cotidianamente é manipulado pelos alunos-jovens em sala de aula.

Não é de admirar que os jovens não se reconheçam, que não percebam a legitimação de seu direito de alunos da EJA, que não consigam enxergar-se como sujeitos reais no LD como artefato de trabalho pedagógico. Tudo isto apenas referenda a negação das identidades dos jovens. Eles nada mais são que “alunos”, uma categoria genericamente abstrata, não se reconhece no jovem o ‘aluno-jovem’, simplesmente se vê o ‘aluno’. Onde então ficou o jovem?

Já não se pode negar que “a juventude é sobretudo uma construção social, não um processo natural,” afirmam Corti e Souza (2004, p. 22). Sua construção está diretamente ligada às concepções que a sociedade tem desses jovens, bem como a concepção que os jovens têm de si mesmos. Independe simplesmente de fatores só biológicos, só psicológicos ou só sociológicos, mas constitui-se um constructo social.

Ainda na UC I, mas na UR b, o LD continua ‘falando’:

É preciso **acompanhar as transformações** que ocorrem no organismo e compreendê-las. Na **adolescência**, estabelece-se a **busca de valores, do grupo, da descoberta de mudanças, da escolha da profissão, das realizações, dos desafios a serem enfrentados** (p. 84).

Duas questões há de se considerar nessas falas do LD em se tratando do tratamento dado às juventudes: a primeira diz respeito à adolescência como sinônimo de juventude e a segunda, ao fato dessa adolescência precisar ser ‘acompanhada’.

O termo juventude não é percebido já que este é substituído pela terminologia adolescência. Ocorre o que muitos teóricos têm denunciado: a indefinição do que seja a adolescência e a juventude pela questão de que não se tem definitivamente em termos etários quando uma começa e quando a outra termina.

Catani e Gilioli (op. cit.) afirmam que Stanley Hall apresenta a adolescência como período de amadurecimento biológico, caracterizado por comportamentos oscilantes e contraditórios, atribuindo assim toda carga aos aspectos do biológico, da psicologia evolutiva, negando-se aí a carga cultural que o meio imprime sobre a constituição das identidades juvenis.

A adolescência para uns corresponde à primeira fase da juventude, a exemplo do que preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), onde a adolescência refere-se à faixa etária que vai dos 12 aos 17 anos, enquanto que a juventude seria o período pós-adolescência, a fase posterior, propriamente dita de juventude.

Em se tratando dos aspectos relativos à entrada no mundo adulto, na UC II, UR a, o LD afirma que,

Ao **fim destas etapas** o **indivíduo torna-se adulto**, sendo suas principais características biológicas a **estabilidade** e a **reprodução** (ter filhos = casar). Nesta **fase**, o indivíduo encontra-se **apto** a física, mental e socialmente para **assumir responsabilidades** e **constituir família**. [...] Na **puberdade ou adolescência** o organismo **inicia o ciclo de transformações que sinalizam o fim da infância e o início da fase adulta**. Mudanças não apenas **fisicamente**, mas também **mentalmente** (p. 84).

Torna-se evidente que o tratamento dado às juventudes perpassa pela ideia da existência de uma fronteira que demarca o “fim das etapas”, o término da infância e o início da idade adulta. Daí questionamos: onde estão as juventude nesse processo?

Deduzimos que a ponte que liga os mundos infantil e adulto, nega a existência das juventudes como parte do processo de constituição dos seres humanos. O silenciamento referenda a inexistência histórica das juventudes enquanto categoria.

O LD aporta-se na ideia de juventude como período de transição quando diz que, o “indivíduo se torna adulto”, é a demarcação das fronteiras que denotam a responsabilidade que o sujeito assume para ser considerado adulto: “estabilidade,” falando da entrada do jovem no mundo do trabalho e início da vida profissional – se auto-sustentar, conseqüentemente, a saída da casa dos pais, e a “reprodução”, como a constituição de um novo núcleo familiar, por meio do casamento e da procriação. Essas seriam então as marcas/os sinais da saída da juventude e de entrada no mundo adulto que se constituíram desde a sociedade medieval.

Para (não) concluir essa conversa...

Pode-se observar, nesse recorte da análise que, em se tratando do olhar posto no livro da EJA, as juventudes se constituem como categoria construída tão somente pelo viés etário, delimitada por suas faixas etárias e, os jovens tidos como seres em passagem.

Nesse momento nega-se a constituição do arquétipo das juventudes também pelo viés sócio-cultural, reduzindo a constituição do ser jovem, como já fora dito anteriormente, a uma condição biológica. Tal leitura toma as juventudes como etapa da vida marcada por instabilidade, ausência de responsabilidade, um verdadeiro problema para os adultos.

A perspectiva de constituição dos jovens que o LD valida aporta-se no arquétipo do jovem medieval, tido como o ser que necessita do outro- o adulto- para que sua passagem pela juventude seja tranquila, não correndo o risco de ameaçar a ordem e os ‘bons costumes’.

Resiste um modelo de negação das juventudes reais, como pessoas e não seres abstratos, vistos tão somente como alunos, estudantes, e não como jovens-alunos. A percepção dos jovens tão somente a partir de sua condição de alunos, nega suas juventudes, impossibilitando à escola a existência dessas juventudes.

Referências

- AQUINO, L. A juventude como foco das políticas sociais. In: CASTRO, J. A.; AQUINO, L. M.; C. ANDRADE, C. C. (Orgs.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 2009.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edição revista e atualizada: Edições 70. Portugal, 2009.
- BITTENCOURT, C. M. F. **Em foco**: História, produção e análise do livro didático. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ep/v30n3/a07v30n3.pdf Acesso em: 10.02.10
- BOSCHILIA, R. Juventude, ultramontanismo e educação católica. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 43, p. 87-102, 2005. Editora UFPR. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/viewPDFInterstitial/7864/5545> Acesso em: 24.01.10
- CARRANO, P. C. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CATANI, A. M.; GILIOLI, R. S. P. **Culturas juvenis**: múltiplos olhares. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- CORTI, A. P. e SOUZA, R. Aproximando-se do conceito de juventude. In: _____ . **Diálogos com o mundo juvenil**: subsídios para educadores. São Paulo: Ação Educativa, 2004.
- CROUZET-PAVAN, E. Uma flor do mal: os jovens na Itália medieval (séculos XIII-XV). In: LEVI, G; SCHMITT, J-C. (Orgs.). **História dos jovens**: da antiguidade à era Moderna. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. (p.191-243).
- CRESWELL. J. W. **Projeto de Pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução Luciana de Oliveira da Rocha. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DAVIES, Nicholas. **Livro didático: apoio ao professor ou vilão do ensino de história?** Disponível em:
www.uff.br/feuff/departamentos/docs_politica_mural/livro_didatico.doc Acesso em: 01.03.10

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio e Janeiro. DP&A, 2006.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD (2007-2008).

IBGE, Contagem da População, 2007. População recenseada e estimada, segundo as grandes regiões e as unidades da federação-2007

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: FÁVERO, O. et all.(Orgs.) **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2007.

PAIS, J. M. **Jovens e cidadania**. Disponível em:
<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n49/n49a04.pdf> Acesso em:25.09.09

PAIS, J. M. **A construção sociológica da juventude**: alguns contributos. Disponível em: www.apis.ics.ul.pt/SendDoc.aspx?d=272&q=9320 Acesso: 10.10. 09

PASTOUREAU, M. Os emblemas da juventude: atributos e representações dos jovens na imagem medieval. In: LEVI, G; SCHMITT, J-C. (Orgs.). **História dos jovens**: da antiguidade à era moderna. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. (p. 245-263).

SCHNAPP, A. A imagem dos jovens na cidade grega. In: LEVI, G; SCHMITT, J-C. (Orgs.). **História dos jovens 1**: da antiguidade à era moderna. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. (p. 19-57).

SILVA, T.T. **Documentos de identidade**. BH, Autêntica, 2007.

SPOSITO, M. P. Estudos sobre juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**, Brasília, Mai/jun/ago. 1997. Disponível em:
http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_06_MARILIA_PONTE_S_SPOSITO.pdf Acesso em: 02 out. 08

SPOSITO, M P. **Os jovens no Brasil**: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

